



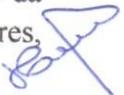
ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 11ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 2º PERÍODO DA 18ª LEGISLATURA DA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, ALUSIVA AOS 16
DIAS DE ATIVISMO PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER,
REALIZADA NO DIA 06 DE DEZEMBRO DE 2021, DE FORMA HÍBRIDA.

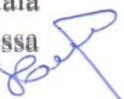
Aos seis dias do mês de dezembro do ano dois mil e vinte e um, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, e secretariada pelo Vereador David Carneiro Maia, 1º Secretário “Ad hoc”, e Cicera Bezerra Leite Batista, 2ª Secretária “Ad hoc”. A 2ª Secretaria “Ad hoc” procedeu à chamada regimental, comparecendo os vereadores: Cicera Bezerra Leite Batista (SOLIDARIEDADE), David Carneiro Maia (DC), José Gonçalves da Silva Filho (PT), José Italo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Maria de Fátima Medeiros de Maria Fernandes (REPUBLICANOS) e Valtide Paulino Santos (PSL), em um total de 06 (seis) vereadores. Não compareceram à presente Audiência Pública os Vereadores: Decilânio Cândido da Silva (SOLIDARIEDADE), Emanuel Rodrigues de Araújo (SOLIDARIEDADE), Francisco de Sales Mendes Junior (REPUBLICANOS/Líder do Governo), Fernando Rodrigues Batista (AVANTE), Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro (PL), João Carlos Patrian Junior (REDE), Josmá Oliveira da Nóbrega (PATRIOTA), Kleber Ramon da Silva Araújo (PSL), Marco César Sousa Siqueira (PSC), Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS) e Willami Alves de Lucena (PROS), cujas ausências foram justificadas. Por solicitação da Senhora Presidente, os Vereadores Cicera Bezerra e José Gonçalves recepcionaram os seguintes convidados: Doutor José Lacerda Brasileiro, Procurador da Câmara Municipal de Patos-PB; Doutor Alessandro Lacerda, Procurador do Município de Patos-PB; Poliana Guedes, Secretária do Controle Interno; Sávio Salvador, Secretário de Articulação Política. A Senhora Presidente registrou as presenças: o Vice Prefeito, o Professor Jacob Souto; o Procurador do Município, Aleksandro Estrela, Lucinha Peixoto, representando a Secretaria do Desenvolvimento Social, a Senhora Janikerly Dias, representando a OAB por elas; Samyr Xavier, da Secretaria do Desenvolvimento Social; Ana Tamires, representante da Criança Feliz; Josenir de Lima Medeiros, representando a Diocese de Patos; Maria do Carmo, representando o SINFEMP; Rafael Amorim, representando o CREAS; Rose Xavier, representando o CRAM; Samara Oliveira, do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher; José Ilton, representando da UAC e Poliana Guedes, Secretária do Controle Interno. A Senhora Presidente registrou as presenças de: Djailma Lemos, do CREAS; Marcília, Coordenadora do CREAS, Cauani Camboim, aluna de Direito da FIP; Milena



Dias, do CREAS; Aline Assis, do CREAS; Yasmin Brito, do CREAS; Maria das Neves do CREAS; Gilvânia Bento, do CREAS; Késia Carneiro, da SEMUDS; Lara Carneiro, do CREAS; Valéria Lucena, do CRAM; Amanda Lara, do CREAS; Euzari Lacerda, da OAB; Emmanoel Costa, representante do Vera Cruz; Vitória Régia, Assistente Social do CRAS Mariana Alves; Paloma Araújo, representante do CRAS; Lielma Xavier, da Ação Social Diocesana; Anselmo Gomes, do Centro Semear; Júnior Leite, do Centro CEA; Marcília Ponciana, Coordenadora do CRES. A Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, e em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos 6trabalhos.” Com a palavra, o 1º Secretário “Ad hoc” procedeu a leitura do dia: “REQUERIMENTO Nº 1971/2021 – SOLICITA DA MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA O DIA 06 DE DEZEMBRO, ÀS 19H, ALUSIVA AOS 16 DIAS DE ATIVISMO PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. Na forma regimental e após ouvido o Plenário e requeiro à Mesa Diretora da Câmara Municipal de Patos uma AUDIÊNCIA PÚBLICA para o dia 06 de dezembro às 19 h, alusiva aos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher. Justificativa: A campanha dos ‘16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres’ é uma mobilização mundial que ocorre em mais de 160 países, sendo realizada no Brasil desde 2003. Os 16 Dias de ativismo começaram em 1991, quando mulheres de diferentes países reunidas pelo Centro de Liderança Global de Mulheres (CWGL), iniciaram uma campanha com o objetivo de promover o debate e denunciar as várias formas de violência contra as mulheres no mundo. A data é uma homenagem às irmãs Pátria, Minerva e Maria Tereza, conhecidas como Las Mariposas, assassinadas em 1961 por integrarem a oposição ao regime do Ditador Rafael Trujillo, na República Dominicana. Nesses 16 dias serão realizadas algumas atividades com e para a comunidade com o objetivo de divulgar a campanha, assim como mostrar a importância desse momento para o engajamento de todos na construção de uma sociedade sem violência contra as mulheres e mostrar a potência das mulheres nos lugares de atuação e fala. Essa é uma iniciativa do CREAS - Centro de Referência Especializada de Assistência Social, da Secretaria do Desenvolvimento Social de Patos, através da Coordenadora Marcília Poncyana Félix Bezerra e demais servidores da referida secretaria. SALA DAS COMISSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS (Casa Juvenal Lúcio de Sousa), Em 18 de novembro de 2022. José Gonçalves da Silva Filho – Vereador/autor.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador José Gonçalves da Silva Filho**: “Boa noite a todas as companheiras e companheiros aqui presentes. Em nome da Presidente desta Casa, a Vereadora Tide Eduardo, quero saudar aqui a todos os vereadores e vereadoras aqui presentes, e também aos que estão participando de forma remota da nossa audiência pública. Quero saudar as mulheres que estão neste Plenário, em nome da nossa sindicalista Carminha Soares, mulher negra e de luta aqui no nosso município. Quero saudar a todos do auditório, em nome dessa combativa companheira Djailma, sindicalista, mulher de luta, resistente nas nossas lutas sindicais aqui no município. Saudar a todas as mulheres que neste momento estão na luta pelo fim da violência. E o ativismo começa pelo fim de todas as violências contra as mulheres.



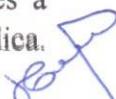
todos os tipos de violência. As mulheres devem ser livres e ter o direito de viver sem medo. Quero também parabenizar ao Centro de Referência Especializada de Assistência Social - CREAS, que vem fazendo um trabalho importantíssimo em nosso município, que vem fazendo esse esforço para que as políticas públicas realmente cheguem às famílias aqui no nosso município, onde muitos, infelizmente, ainda não entendem qual o papel do CREAS; alguns imaginam que é o papel assistencialista. O CREAS vem fazendo esse esforço para que as políticas públicas cheguem à casa de cada um, de cada uma, sem interferência político-partidária, que cheguem as políticas públicas. E eu acho que isso é fundamental. Quero aqui em nome de Marcília Poncyana Félix Bezerra, coordenadora do CREAS, parabenizar também, Marcília, por sua iniciativa. E esse requerimento que apresentei aqui na Câmara foi justamente levando em consideração essa data do dia 06 (seis) de dezembro, que é o dia do laço branco, por isso que nós estamos aqui com ele. E tivemos algumas dificuldades aqui na Casa, em virtude do número de audiências públicas que já estavam programadas, mas também esta Casa não foge a essa discussão dos temas cruciais de nossa sociedade. A começar pela história desta data que foi deferida no 1º Encontro Feminista Latino Americano do Caribe, na capital da Colômbia, Bogotá, em 1981. As feministas da América Latina homenagearam as irmãs Mirabal: Pátria, Minerva e Maria Tereza, conhecidas como 'As Mariposas', por sua resistência à ditadura na República Dominicana. Eu vou trazer esse histórico aqui, como eu sou historiador, eu gosto muito, e também esta Casa é uma Casa de aprendizagem, a gente sempre aprende. O conhecimento é bom porque ele não é privativo. Sempre eu digo aqui, se você tem conhecimento, passe para as pessoas, e tem muita gente nos assistindo. Em vinte e cinco de novembro de mil novecentos e sessenta elas foram interceptadas ao regressar de uma visita aos seus maridos, presos pelo regime, foram detidas e brutalmente assassinadas em simulação de um acidente. Qualquer semelhança com 'acidentes' acontecidos no Brasil, no período da ditadura militar, não é mera coincidência. Nos anos 1960, 1970 a América Latina vivia sobre a egide de fúrias ditatoriais, e muitos estão que voltem algumas situações dessas. Denominado primeiramente como Dia Internacional pela Não Violência Contra as Mulheres, foi decidido em assembleia geral da Organização das Nações Unidas - ONU, como o dia internacional para eliminação da violência contra as mulheres, ganhando amplitude ainda maior. A desigualdade persiste em todos os aspectos, especialmente também entre os salários de homens e mulheres, que também é um tipo de violência. Nessa pandemia aumentou a violência contra as mulheres e também a sobrecarga de trabalho. Quem é professor, quem é professora sabe a dificuldade agora de preparar essas aulas remotas, e muitas nesses sistema híbrido, tem que preparar presencial e de forma remota. Então as mulheres, o índice de violência, infelizmente, tem nos assustado. Segundo o anuário, 60% (sessenta por cento) dos mais de 60.000 (sessenta mil) estupros ocorridos no ano passado, foram meninas de até 13 (treze) anos e 85% (oitenta e cinco por cento) dos crimes foram cometidos por pessoas conhecidas das vítimas. Por isso que é importante esse trabalho da Secretaria de Desenvolvimento Social. Por isso que essa audiência de hoje, e a gente tem feito esse esforço aqui para transformar essa audiência num debate, porque nessas audiências sempre quem fala menos são os vereadores, e a gente precisa escutar mais, ouvir mais, para que possa



desenvolver e avançar as políticas públicas em nosso município. Mais uma vez, parabenizar por toda essa atividade, gente. No dia 25 (vinte cinco) de novembro foi feita a abertura da campanha, produção e exibição de vídeo, a música disque denúncia. No dia 30 (trinta) de novembro, ação no Distrito de Santa Gertrudes, que é o único distrito de Patos, mas muitas vezes é esquecido. No dia primeiro foi o primeiro fórum de debates em alusão aos 16 dias de ativismos pelo fim da violência contra a mulher. E no dia 6 (seis), hoje, essa audiência pública. O tema “Dia Nacional de Mobilização do Homem pelo fim da Violência contra as Mulheres”. Dia do laço branco, campanha criada para a sensibilização, conscientização e promoção de engajamento do homem nessa luta, porque a luta das mulheres não pertence só às mulheres. Não é uma luta só das mulheres, mas também uma luta, principalmente, dos homens, porque o machismo prevalece em todos os quesitos, se formos levarmos em consideração como vivem nossas famílias. E o dia do laço branco surgiu a partir de um crime, ocorrido na cidade de Montreal, Canadá, em 06 (seis) de dezembro de 1989, onde um homem de 25 (vinte e cinco) anos assassina 14 (catorze) mulheres, e em seguida se suicida na Escola Politécnica. Em carta, ele conta que não suportava a presença de mulheres em curso de engenharia, onde deveria ser somente para homens. O crime mobilizou o mundo inteiro, e a partir daí homens saíram às ruas para repudiar tal atitude, com o tema: ‘Jamais cometer um ato violento contra as mulheres, e não fechar os olhos frente a essa violência’. Foi então lançada a campanha do laço branco, ‘Homens pelo fim da violência contra a mulher’. Então, nós estamos trazendo aqui um histórico fenomenal para discussão na noite hoje. E o que mudou dessa data para cá? Reduziu o assassinato de mulheres ou aumentou? Não tenha dúvidas de que aumentou, hoje mesmo foi assassinada uma companheira no município de Santa Luzia, de forma covarde, como sempre. Então essa audiência pública, acima de tudo, tem esse objetivo. E também o CREAS homenageia esse ano a nossa companheira Maria Cideleide, que sofreu violência do seu ex-companheiro, como uma maneira não só de homenageá-la, como também de unir forças nessa campanha. A qual passou por todo o ciclo de violência, acarretando um crime cruel, tentativa de assassinato dela e do namorado, resultando na morte desse. Gente, Kleber, o companheiro de Cideleide foi meu ex-aluno, inclusive, a mãe tinha um restaurante no Campo do Rato. Então eu acompanhei tudo aquilo. E parabenizar mais uma vez a vocês, por homenagear essa companheira, que só Deus para ela estar viva. Então é isso que eu tenho a dizer. Agradecer mais uma vez a todas as mulheres, a todos os vereadores e vereadoras. E a luta só começou, a gente tem que transformar isso aqui num grande movimento contra a violência em todos os aspectos, saindo aqui da Câmara Municipal, indo para as comunidades, para os bairros, e fazer sempre essa defesa das políticas públicas, para que a gente avance, ao invés de regredir, como estamos regredindo, muitas vezes. Muito obrigado e parabéns a todos e a todas.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a Coordenadora do CREAS, **Marcília Pencyana**: “Boa noite, como fui apresentada pela Tide, eu sou Marcilia, estou como Coordenadora do CREAS, desde o início desse ano dois mil e vinte e um. Eu preparei uma fala rápida, não vou tomar os dez minutos, os companheiros vão falar também. Eu acho que a fala de todos é bem importante nesse dia. Então quero agradecer a Tide, como Presidente da Câmara, e a pessoa de Zé



Gonçalves, que trouxe para a gente essa oportunidade de fazer essa fala, que é um momento tão importante, que a gente precisa tomar esses lugares de fala, fora do nosso contexto de trabalho também. E é o que a gente vem fazendo desde o fórum, o nosso objetivo quando pensamos nesse projeto, era justamente que a gente pudesse sair dos muros, dos nossos equipamentos, e tomar mesmo os outros lugares de fala. E esse é um desses lugares, aonde a gente possa levar a nossa fala para todas as mulheres e homens que estão nos ouvindo hoje. Então é um momento onde a mulher e o feminino é massacrado em todas as esferas. Falar sobre violência contra a mulher ainda se faz muito necessário. Ainda hoje acordamos com a notícia de mais uma mulher que foi vítima de um ato covarde, que deixou marcas em todos nós, não só nela, não só na família, e não só mulheres, mas os homens que estão aqui presente, mostrando que é possível fazer a diferença. Esse é o grande motivo de estarmos aqui hoje, fazer com que essa campanha seja fala de homens também. Como Zé Gonçalves falou, que os homens são uma porta tão importante, já que, na maioria desses casos, são homens que cometem essa violência com as mulheres. O nome do nosso projeto é Maria Cideleide, é uma mulher patoense que sofreu agressões de um homem, brutal e covardemente contra sua história. E ela nos conta essa história, uma história de bravura e que nos inspira nesse projeto. O objetivo desse projeto também não é só mostrar o quanto ela sofreu, mas é mostrar como ela sobreviveu a essa violência, como ela foi resiliente, e como ela nos mostra força e esperança para continuar na luta. Ela, como muitas de nós, traz no corpo a marca da dor, mas também da força, que motiva ainda mais essa luta. Que os 16 dias de ativismo não se encerre hoje, não se encerrem por aqui, e que a gente possa ter uma força e esperança de tempos melhores todos os dias, até o dia em que todas as mulheres sejam livres. Parem de nos matar! Obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Dra. Janykerly Dias**, representante da OAB por Elas: “Boa noite a todos aqui presentes, boa noite aos vereadores, a quem saúdo na pessoa de Dr. Ítalo; a toda população, todos os órgãos de proteção à mulher, que se fazem aqui presentes. Muito me alegra estar aqui hoje como representante do Projeto ‘OAB por Elas’, como representante comissão temática de combate a violência doméstica contra a mulher, da OAB Patos, e como cidadã, pela primeira vez fazendo uso da tribuna aqui na Câmara de Vereadores de Patos, principalmente para falar sobre um tema que me é tão caro, que é o combate a violência doméstica contra a mulher. Muito me comove estar aqui neste dia de hoje, principalmente por se tratar dessa mobilização nacional dos homens em combate à violência contra a mulher, que é uma tecla que nós sempre usamos nas nossas falas, nas nossas presenças em eventos, pelo projeto ‘OAB por Elas’, porque a luta contra a violência doméstica contra a mulher não é só das mulheres. A gente não pode só fazer um trabalho de repressão com a utilização da Lei Maria da Penha, que é muito importante, mas nós devemos romper os muros, e buscar junto a sociedade em geral a prevenção, a educação. O combate a violência doméstica contra a mulher começa em casa, ela começa no nosso trabalho, ela começa na nossa escola, no nosso serviço de igreja, para quem é religioso. E a violência doméstica contra a mulher é uma questão social e de saúde pública, então é muito importante que nós ocupemos esses espaços. E o projeto ‘OAB por Elas’, é um projeto que dá assistência jurídica às mulheres a situação de risco, que não tem condições, muitas vezes, de ter uma consultoria jurídica.



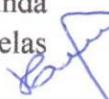
Então advogados e advogadas da Subseção Patos se colocam à disposição para realizar atendimentos, não só na seara criminal, às vezes num pedido de medida protetiva de urgência, mais também em uma orientação acerca de algumas dúvidas que ainda hoje muitas mulheres têm acerca do seu direito, quanto ao divórcio, quanto a pedidos de alimentos para si ou para seus filhos, quanto do medo de perder a guarda de seus filhos, porque muitas vezes são ameaçadas. Então fico muito feliz, e parabenizo o Vereador José Gonçalves, pela iniciativa dessa Audiência Pública. E que nós possamos sempre invadir espaços para tratar sobre a violência doméstica contra a mulher, que possamos ser combativos a cada dia em todos os espaços que ocupamos. Agradeço pela palavra.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Samara Oliveira**, do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher: “Boa noite a todas e todos. Na pessoa da Presidente desta Casa, Tide, cumprimento todo mundo aqui, todas as pessoas presentes. Não vou usar os dez minutos, fazer como a minha companheira ali bem falou, tem tanta gente para falar, que vai enriquecer o nosso debate. Hoje nós comemoramos mundialmente o dia nacional de mobilização dos homens pelo fim da violência contra as mulheres. Eu ia contar o motivo da data de hoje, mas Zé já conversou, que foi um assassinato brutal que aconteceu em uma escola de engenharia. Logo após esse crime hediondo, ele deixou a carta, onde ele dizia o motivo, que a mulher não podia estar lá. Qual a diferença do dia hoje, de mil novecentos e oitenta e nove para dois mil e vinte e um? Ainda continuamos lutando e buscando o nosso lugar para que a gente possa estar e ser o que a gente quiser. Após esse trágico incidente, foi lançado mundialmente, e, posteriormente, em nosso país a campanha do laço branco, um movimento que busca fomentar a igualdade de gêneros e uma nova visão sobre a masculinidade. Assim, o dia nacional de mobilização dos homens pelo fim da violência contra as mulheres nasceu com o fruto da campanha laço branco. Precisamos acordar a sociedade, em especial os homens, a necessidade de estarmos juntos não só nessa campanha, mas em todos os dias, em busca de igualdade de gêneros, em busca do nosso lugar. A sociedade, em especial ainda mais os homens, e sempre vou tocar nesse assunto, precisam entender e diferenciar feminismo do femismo. Eu noto que muito debate na internet, quando se falar da mulher, os comentários que denigrem a imagem da mulher são pessoas que não sabem o que é feminismo e o que é femismo. Eles sofrem de femismo, mas nós temos o feminismo. Eu vou explicar, feminismo nós queremos igualdade, nós lutamos por isso, é um conjunto de movimento político, social, ideologias e filosofias. Nós temos um único objetivo, direitos iguais. Femismo é a ideologia que prega a superioridade do gênero feminino sobre o masculino. E como eu já disse, nós não queremos ser superiores, nós queremos ser iguais, nós queremos estar e ser o que a gente quiser, onde quiser e quando quiser. Por que é tão importante envolver os homens nessa luta? Precisamos entender e mostrar que os homens são parte fundamental nessa luta, e para isso, eu queria trazer alguns dados para vocês compreenderam a dimensão da violência contra a mulher. Agressões, ameaças, estupros, violência psicológicas, uma série de violações acontecem com as mulheres, diariamente, dentro e fora de casa. Não se trata de algo retórico, os números mostram que 9.886 (nove mil oitocentos e oitenta e seis) crimes contra as mulheres foram registrado em todo o ano de 2020, aqui na Paraíba. Só com o registro de violência doméstica foram 3.932 (três mil novecentos e trinta e dois)



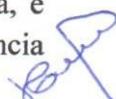
casos. Isso significa uma média que dez mulheres são violentadas por dia, dentro de casa, aqui no nosso Estado. Em 2019 e 2020, houve um aumento de 497% (quatrocentos e noventa e sete por cento) do número de descumprimento de medidas protetivas, isto é, de agressores que desrespeitaram a distância mínima que deviam cumprir, da vítima. Feminicídios representam mais de 38% (trinta e oito por cento) dos casos de mulheres mortas na Paraíba de 2020. De janeiro à dezembro de 2020, 93 (noventa e três) mulheres foram mortas por crimes letais, intencionais, no nosso Estado. Do total, 36 (trinta e seis) estão sendo investigados como feminicídios. Mais do que dados estáticos, cada um desses casos que vemos traz a história de uma mulher, de uma vida interrompida, de famílias que passam a viver com a dor da perda da filha, da mãe, da irmã, da tia, vítimas da agressividade de seus companheiros. Falta um olhar para essas vítimas ocultas. Sim, elas ainda são invisíveis. É cruel pensar nisso, mas é verdade, porque quando acaba o processo na justiça, a denúncia na delegacia, o assassino vai preso e pronto, está resolvido o problema para o Estado, não para a família. E o que há por trás? Tudo que implica o que há por trás. Hoje, em Santa Luzia, foi morta mais uma mulher pelas mãos do seu companheiro. E até quando nós vamos achar normal noticiar, replicar notícias e achar normal, ele foi preso e está resolvido a situação? E mais uma vez, Presidente, venho pedir a esta Casa que entre na luta com as mulheres patoenses sobre a nossa patrulha Maria da Penha. Estive aqui na audiência de outubro, falei dessa patrulha, que nós temos uma Lei, editada por esta Casa, e, mais uma vez, eu venho pedir a senhora, porque a gente sozinha não tem voz, mas esta Casa tem, e pode se juntar a mulher patoense e tentar para que a gente consiga instalar a patrulha Maria da Penha, porque é uma luta de anos. E nós já temos em João Pessoa e Campina Grande, ela talvez desça para Sousa, e não venha para Patos. E, mais uma vez, Patos perde. Então a Lei, específica do nosso município, determina que a Guarda Municipal possa ser a patrulha Maria da Penha. Mais a gente sabe que só temos 10 (dez) homens, 8 (oito) na atividade. Peço também a esta Casa que solicite à Prefeitura para que a Secretaria da Mulher possa ter autonomia, possa ter recursos próprios, e, assim, desenvolver mais ações. Eu acho que está faltando isso na nossa Secretaria. Peço aos vereadores que olhem pelo Conselho, precisamos de apoio, precisamos ser escutadas, essa é uma luta de todos nós. Eu agradeço ao CREAS, na pessoa de Marcília, agradeço a Djailma, duas guerreiras, que, com sua equipe, montaram todo esse projeto. Agradecer as meninas do CREAS, parabenizá-las pela iniciativa desta audiência. Agradeço a Zé Gonçalves, por ter tido a sensibilidade de atender um pedido do CREAS para essa audiência pública, e agradeço a esta Casa, por autorizar essa Audiência Pública. Boa noite a todas as pessoas.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra, **Joseni de Lima Medeiros**, representante da Diocese de Patos: “Boa noite a todos e todas. Boa noite a Tide, Zé Gonçalves, aos demais vereadores. Meu boa noite a Marcília, por essa iniciativa. A todos que estão participando, neste momento, de tão importante evento. Eu me chamo Joseni, mas sou mais conhecida por Josa, e recebi hoje essa missão de Dom Eraldo, de vim representar a Diocese aqui. Ele se encontra em missão, e me pediu para que viesse representar a Diocese, a Pastoral da Pessoa Idosa. E como Zé Gonçalves, eu tive a oportunidade de, nesta tarde, rezar esse tema, estudar um pouco da temática, e, como igreja, eu não poderia deixar de dizer essa palavra a partir do que o Papa Francisco



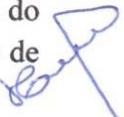
nos propôs em 2017, no dia primeiro de janeiro, ‘a não violência é um estilo de uma política para a paz’. Gravem bem, a não violência, é um estilo de política para a paz. E gostaria de colocar aqui que nós como igreja, nesse trabalho de escutar qualificada, assim como tem o CREAS, tem os CRAS, nós tendo tido a oportunidade de, nesse tempo de pandemia, sentir de perto, pela escuta, a história de muitas mulheres invisíveis que passam por tamanha violência, pasmem, no meio das ruas da nossa cidade. Todas as quintas-feiras, nós que integramos o projeto de ação solidária da Diocese de Patos, saímos em missão, e nos deparamos com a realidade dos povos de rua, e fazemos um trabalho de escutatória, como diz Rubem Alves, e nos deparamos com histórias de mulheres, de homens, que são pessoas invisíveis da nossa sociedade. E a gente se sente impotente diante das situações, sabe Zé Gonçalves. Por que nos se sentimos impotentes? Porque a gente escuta dos moradores de rua, das mulheres de rua: ‘minha casa é aqui, meu lugar é aqui’. E quantas e quantas vezes eu não escutei mulher dizer assim: ‘hoje eu apanhei’. E quantas e quantas vezes a gente não chegou nas quintas-feiras e tinha uma mulher que foi levada para o hospital, que foi esfaqueada por um companheiro de rua. Então, essas situações nos deixam emocionalmente fragilizadas, e eu chego em casa, e não faço outra coisa, senão chorar. E essa oportunidade aqui, eu reforço o pedido de Samara, para que a gente se dê as mãos, e que a gente procure fazer alguma coisa, CRAS, CREAS, Ação Social, que está aqui, e faz um belíssimo trabalho também, a gente tem feito um trabalho conjunto nesse tempo de pandemia. Participo do grupo APOENA, e tenho assistido várias lives, vários tipos de violência contra a mulher: violência psicológica, violência física, violência financeira. São vários tipos de violência por companheiros, pessoas que são da casa. E eu me lembro como professora, a diferença de casa e lar. Qual a diferença da casa e do lar? O lar exige harmonia, o lar exige respeito, o lar existe diálogo, o lar exige empatia. Nem nos nossos próprios lares, às vezes, estamos seguros. Então eu gostaria de me unir a vocês, a Marcília e a equipe que propôs esse momento, a Zé Gonçalves, que tem feito esse trabalho de promover, de puxar essas audiências, para que a gente aprenda juntos a construir um mundo melhor, uma sociedade melhor. Eu estava rezando e estudando, hoje, e trouxe aqui um dado interessante, que no Brasil a data quer chamar a atenção para o fato de que as mulheres ainda são as principais vítimas da violência de gênero no país. De acordo com a Cáritas Brasileira, que é um serviço da igreja católica, há mais de quarenta anos ecoam as vozes da mulheres, dizendo: ‘Quem ama não mata, não humilha e não maltrata’. Em um artigo publicado, por ocasião do dia internacional pela eliminação da violência contra a mulher, vinte e cinco de novembro, a diretora, Secretária do GT Mulheres da Cárita Brasileira, chamada Marilene Alves de Sousa, mais conhecida por Leninha, relatou que o não reconhecimento da gravidade da violência contra as mulheres e de suas raízes discriminatórias concorrem não só para que as agressões aconteçam, mas também auxiliam a manter a situação de violência até o extremo do assassinato. Foi citado o caso da companheira de Santa Luzia hoje. É necessário combater as causas da violência, e uma delas é o machismo. Para isso precisamos estabelecer pacto nas relações sociais entre homens e mulheres que preservem a vida, e que a violência machista seja considerada algo inaceitável por todos e todas. O tema violência contra a mulher ainda precisa ser muito debatido, precisa sair do espaço desta Casa, afinal, além das sequelas



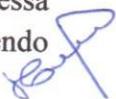
físicas e psicológicas, estão perdendo a vida na mão dos agressores. Dentro desse aspecto global, o Brasil está entre os países com maior índice de homicídios femininos, e ocupa a quinta posição em um ranking de oitenta e três nações. Segundo Leninha, o feminicídio não é um crime passional ou homicídio, essas denominações minimizam o feminicídio e contribuem para a perpetuação da violência contra a mulher e o assassinato. Então, eu gostaria de lembrar três companheiras hoje, a companheira de Santa Luzia, a companheira Marielle Franco e a companheira Margarida Alves. Eu queria pedir uma salva de palmas por elas. E eu sei que vou quebrar o protocolo da Casa, mas eu gostaria de terminara a minha fala cantando uma canção de Zé Vicente, cantor e poeta nordestino, do Ceará, Canção para Margarida. Que essa canção ecoe no coração de todos nós, mulheres e homens, para que a violência cesse no campo e na cidade. Eu não sou cantora, mas no meu momento de oração Deus me pedia pra que esse fosse o nosso grito hoje: ‘Não faz muito tempo seu moço, nas terras da Paraíba viveu um a mulher de fibra, Margarida se chamou, e um patrão com uma bala tentou calar sua fala e o sonho dela espalhou. Já faz muito tempo, seu moço, que em riba deste chão, que em toda nossa nação o pobre é pra lá e pra cá, lavrador faz, mas não come e a miséria é sobrenome do povo deste lugar. E quando na carne da gente ardia a opressão, Margarida erguia a mão e seu grito era o nosso clamor. E quando na carne da gente sorria a opressão, Margarida erguia a mão e seu grito era o nosso clamor. Daqui a algum tempo, seu moço, se a gente não se cuidar, se o pobre não se ajudar, tubarão engole a alegria, pois o jeito é treinar o braço pra desatar esse laço que amarra a fulô do dia. E quando na roça a gente brilhar as espigas, vai ter festa e nas cantigas Margarida vai viver. E quando na praça e na rua florir Margaridas, vai ser bonito de ver, vai ser bonito de ver’. Que nós sejamos Margaridas e cravos por um mundo novo, uma sociedade nova, sem violência contra a mulher. E me desculpem a emoção, mas eu tinha que expressar essa canção homenageando todas as mulheres assassinadas no campo e na cidade. Obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a Senhora **Rose Xavier**, representante do CRAM: “Boa noite a todos. Quero saudar a todos que estão aqui presentes que compõe esta Casa, todos os convidados, todos os presentes na pessoa de Tide Eduardo, por quem eu tenho muito apreço. O Vereador José Gonçalves também, pela iniciativa. Eu me chamo Rose Xavier, eu sou assistente social do CRAM, e eu estou aqui representando a Secretaria de Políticas para a Mulher de Patos, Clarice Mesquita, que por questões de saúde não pode estar presente, mas enviou a mensagem que eu vou transmitir a partir de agora pra vocês. Hoje nós estamos reunidos em audiência pública para debater a violência contra a mulher, um problema social, e por que não dizer também um problema de saúde pública, que apesar de vitimar mulheres afeta toda a sociedade. Para nós que fazemos a Secretaria de Políticas da Mulher, a qual o Centro de Referência a Mulher - CRAM está vinculado, é um grande prazer e também um grande desafio trabalhar na busca pela promoção e defesa dos direitos das mulheres, através de ações de políticas públicas. E Patos é a capital do sertão, referência para outras cidades, o que torna uma responsabilidade ainda maior. Sabemos que a luta das mulheres por direitos, por respeito, por reconhecimento é muito antiga. E se hoje nós estamos aqui, ocupando esse espaço e debatendo esse tema, é porque outras mulheres antes de nós lutaram por isso. Sabemos também que a violência



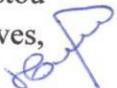
contra a mulher está enraizada na nossa sociedade, é um problema estrutural, e, apesar dos avanços dos legislativos e nas políticas públicas, ainda estamos muito longe de mudar essa realidade. De acordo com pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência ou agressão nos últimos doze meses. E isso significa que aproximadamente dezessete milhões foram violentadas no último ano. A cada seis horas, em média, uma mulher foi vítima de feminicídio, ou seja, morreu apenas por ser mulher. Oitenta e um por cento dos feminicídios foram cometidos por companheiros ou ex-companheiros, e sessenta e dois por cento das vítimas foram mulheres negras. Aqui em Patos nós também realizamos algumas pesquisas, uma delas durante a ‘Campanha do agosto lilás’, e constatamos que setenta e dois por cento das mulheres que participaram dessa pesquisa já sofreu algum tipo de violência, e oitenta por cento conhece alguma outra mulher que foi vítima de violência. Podemos também fazer essa pesquisa aqui agora, se você já foi vítima de violência ou conhece alguma mulher que foi vítima de violência, levante a mão. Como podemos ver, a violência está muito presente na vida das mulheres, inclusive, das patoenses. Mais por que será que quase toda mulher que já foi ou conhece outra mulher vítima de algum tipo de violência, que não se restringe a violência física, mas não conhecemos ou reconhecemos os homens que violentam mulheres? Poresse motivo é tão importante que a discussão sobre esse tema e as políticas públicas não sejam voltadas apenas para as mulheres, mas também para os homens. E a campanha do laço branco, que também integra os dezesseis dias de ativismo, tem o objetivo de promover o engajamento dos homens na luta pelo fim da violência contra a mulher. Por outro lado, muitas mulheres não conseguem reconhecer uma situação de violência, um relacionamento abusivo, em decorrência principalmente da naturalização da violência, e da violação dos direitos das mulheres pela sociedade. E nós trabalhamos também para ajudar as mulheres a reconhecerem situações de violência, que de tão naturalizadas, muitas vezes, se tornam invisíveis. E a entenderem que não existe justificativa pra violência e que a culpa nunca é da vítima. Estamos prestes a completar um ano de gestão, e, apesar de todas as dificuldades, o Prefeito Nabor Wanderley não tem medido esforços para melhorar a qualidade de vida das mulheres patoenses, e isso inclui o combate à violência. Reconhecendo a importância do serviço e o aumento global dos casos de violência, durante todo esse período o CRAM não fechou, inclusive, ele foi inserido no rol de serviços essenciais nos Decretos Municipais, quando estávamos em um período pandêmico mais crítico. Durante a ‘Campanha do agosto lilás’, encaminhamos para esta Casa, Tide, o Projeto de Lei nº 28, que institui a campanha em âmbito municipal, e tivemos a preocupação de inserir as ações a serem realizadas por diversos órgãos para que seja ainda mais efetiva. Esse Projeto, ainda pendente de votação e aprovação, então, aproveitamos a oportunidade para pedir aos nobres vereadores que reconheçam a importância dessa lei para sociedade patoense. Lançamos também o CRAM itinerante, que leva atendimento realizado pela equipe multiprofissional do CRAM para as mulheres vítimas de violência que residem em locais mais distantes, como zona rural e Santa Gertrudes; e também tem o objetivo de facilitar o acesso ao serviço, e, consequentemente, ajudar mais mulheres a saírem do ciclo de violência. A divulgação do serviço prestado pelo CRAM vem sendo feito de



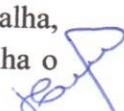
forma massiva, através dos mais diversos meios, para que chegue ao conhecimento do máximo de pessoas. A procura ainda é baixa quando comparada a realidade, pois sabemos que muitas mulheres são vítimas de violência diariamente, e não procuram ajuda. Nós estamos sempre à disposição e prontas para atendê-las, poderíamos citar diversas outras ações realizadas através da secretaria de políticas para mulheres, sempre planejadas e executadas com o objetivo de contribuir políticas públicas contínuas e efetivas que produzam efeitos concretos na vida das mulheres patoenses. E trazer também inúmeros conceitos, contextos e implicações a violência: o que leva uma mulher a permanecer em situação de violência, o que leva uma mulher a não denunciar e a não procurar ajuda. Mas não é possível fazê-lo num único momento. Além da secretaria do CRAM, temos ainda no nosso município uma delegacia especializada em atendimento à mulher, o Conselho Municipal dos Direitos, aqui na pessoa de Samara, Comissões da OAB, grupos de movimentos sociais. E queremos aproveitar esse momento para reafirmar nossa parceria e disposição para dialogar e construir políticas públicas conjuntamente. O fortalecimento da rede de proteção e apoio as mulheres é de extrema importância no combate a violência. Contamos também com os nobres vereadores, que, através do exercício das suas funções, têm o poder de transformar não só a vida das mulheres, mas de toda sociedade patoense. É preciso que todos tenham consciência de que a violência contra a mulher não é um problema somente das mulheres, e que cada um tem um papel fundamental na mudança da realidade de milhões de mulheres, não apenas nas campanhas e datas simbólicas, mas sempre devemos unir forças e combater todos os tipos de violência contra a mulher. Nosso agradecimento ao Prefeito Nabor Wanderley por todo apoio a nossa luta, a todos os parceiros que tanto contribui com o nosso trabalho, especialmente a todos que fazem a Secretaria de Políticas Públicas da Mulher, e o CRAM, as técnicas estão todas aqui, e que se dedicam diariamente ao combate a violência contra a mulher. Nessa oportunidade, convidamos todos àqueles que compõem a Câmara Municipal de Patos, especialmente a Senhora Tide Eduardo, mulher e presidente desta Casa, nossas vereadoras Nadir, Nega Fofa, Fátima Bocão, todas que estão aqui presentes e a sociedade patoense a se juntarem a nós nessa luta. Por fim, reafirmamos o nosso compromisso com as mulheres patoenses de trabalhar em prol dos seus direitos, que inclui uma vida sem violência. Também quero deixar registrado o agradecimento ao pessoal do CREAS, que também fez esse convite pra gente está aqui presente hoje. Muito obrigado a todos pela atenção.” A Senhora Presidente disse: “Rose, só a título de informação, esse Projeto que você se referiu, o ‘agosto lilás’, foi o Projeto nº 28/2021, do Executivo, que deu entrada nesta Casa, que diz o seguinte: ‘Institui a Campanha Agosto Lilás, pelo Fim da Violência contra a Mulher’. É o mesmo Projeto, senhores vereadores, da família acolhedora. Esse Projeto chegou aqui no dia 26 (vinte e seis) de agosto, e no dia 04 (quatro) de outubro já estava sancionado. Já é lei desde outubro. Então a Casa Juvenal Lúcio de Sousa está fazendo o seu papel, sempre que chega Projeto aqui, nós estudamos, todos os vereadores aqui são cientes da nossa responsabilidade. Os Projetos não foram arquivados nem guardados, ele já é Lei nº 5.627/2021, de 04 de outubro.” A Senhora **Rose Xavier** disse: “Eu não tinha essa informação, e agradeço por ter esclarecido aqui hoje. Muito obrigada.” Atendendo



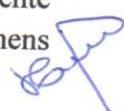
convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Samyr Xavier**, representando a Secretaria de Desenvolvimento Social: “Boa noite a todos. Em nome da Presidente, Vereador José Gonçalves, o pessoal do CREAS, meus companheiros de trabalho, minhas companheiras de trabalho, que eu tenho muito orgulho. Eu gostaria de iniciar minha fala com o seguinte questionamento, que até indaguei na última Audiência Pública, sobre a Democracia. Se o nosso país é realmente democrático, entre homens e mulheres, pessoas portadoras de deficiências. Nossa país não é democrático, infelizmente a desigualdade está enraizada em nosso país. Desde a implementação da ditadura, que foi construída por homens, a Constituição de 1988 (mil novecentos e oitenta e oito), também por homens, e à mulher simplesmente coube o papel de baixar a cabeça para todos esses atos masculinos. Quando a mulher resolveu não abaixar mais a cabeça, sair de dentro de casa, lutar por seu espaço e pelos seus direitos, ela passou a ser violentada com mais frequência. Tivemos casos recentes, como já falaram todas as meninas aqui presentes, de situações em que colocam a mulher numa situação inferior à do homem. Eu gostaria de frisar também o trabalho que é realizado por toda a Secretaria de Desenvolvimento Social. Minha maior curiosidade era a fala masculina, nesse momento, fora da proposta do Vereador José Gonçalves, eu sei que Rafael vai falar mais a frente, porque nós temos que lutar. Houve uma discussão sobre esses 16 dias do ativismo, audiência agendada, mas esqueçamos os 16 dias, vamos lutar trezentos e sessenta e cinco dias do ano para o fim da violência contra a mulher. Antes de iniciar a discussão, falaram: ‘Samyr não está nervoso, Samyr não anota nada’, simplesmente devido à importância. É muito fácil falar quando existe uma importância aliada a um ativismo, um movimento que transcende várias décadas, e que a gente vem lutando décadas e décadas, e a gente precisa evoluir ano após ano. A gente não pode parar no tempo, a gente precisa reconhecer o papel da mulher na nossa sociedade. Zé Gonçalves, eu tenho orgulho de falar aqui que trabalho em uma secretaria que é praticamente 95% (noventa e cinco por cento) de mulheres, e aprendo todos os dias com essas mulheres, que eu gostaria que ficassem de pé, as meninas do CREAS, e que recebam uma salva de palmas de todos aqui presentes. Assim como também da Secretaria de Políticas Públicas para a Mulher – CRAM, Conselho, que continuemos nessa luta, não façamos de uma Audiência Pública, como eu falei já em outras audiências, um momento isolado, que a partir daqui possamos construir melhorias, o que já foi feito vamos continuar aperfeiçoando, vamos avançar. A gente precisa avançar dia após dia, ano após ano. Era essa minha fala, eu vou ser breve porque têm outras falas. E em nome da Secretaria de Desenvolvimento Social, em nome do pessoal do CREAS, agradecer também a Marcília, Coordenadora do CREAS, José Gonçalves, todos da Mesa. E informar que a luta é de todos, o combate a violência contra a mulher é de todos, é do homem e da mulher, e deve ser fácil falar, tem que ser fácil falar, tem que ser fácil se mobilizar. Obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a Senhora **Lucinha Peixoto**, representando a Secretaria de Desenvolvimento Social: “De início saudar todo auditório que está presente, parabenizar nossa Presidente Tide, mais uma reeleita nesta Casa, para continuar seus trabalhos. Dizer que estou feliz por estar na noite de hoje representando a Secretaria de Desenvolvimento Social. Dizer que estou feliz em ver toda rede aqui engajada, mostrando o seu trabalho. São elas, Zé Gonçalves,



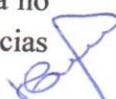
que trabalham corpo a corpo. Está aqui o CRAS, secretaria do CRAM, que foi uma luta aqui nos meus últimos quatro anos, quando aquele prédio estava fechado, abandonado, e eu sabia a responsabilidade que tinha de reabrir aquela sede para entregar a população e continuar os serviços, atendendo às mulheres vítimas da violência, as famílias. Então, Tide, a primeira Audiência que teve aqui, José Gonçalves, sobre o feminicídio, fui eu que provoquei quando vereadora. A Presidente Nadir, Cláudia, Lucinha e Irla estavam aqui, e a gente trouxe esse tema. Josa sempre está aqui nos fazendo companhia, nos dando força, e que era um tema muito forte, há oito anos, ainda para a gente discutir na sociedade. Mas, graças a Deus, hoje a gente vê a população toda engajada, ver aqui todos os serviços aqui de mãos dadas, a OAB aqui presente, todos os serviços da Secretaria de Desenvolvimento, a Prefeitura, o Prefeito Nabor, que foi uma das primeiras ação de seu governo, que ele entregou o CRAM à população, que estava fechado há mais de quatro anos. E a gente vê todos nós aqui engajados para discutir esse assunto. Zé Gonçalves está de parabéns por ser proposito, trazendo um tema tão importante. E dizer que a gente fica feliz por saber que nós vamos dar início, continuar Carminha, essa luta, que é uma luta não só dos vereadores, mas da sociedade. A gente cobra muito da Câmara, mas a sociedade tem que estar engajada, de mãos dadas para fortalecer esse tema tão importante, que a gente vive hoje no dia a dia aqui na nossa cidade e em todo o Brasil. Parabéns Zé Gonçalves, parabéns a Presidente Tide, parabéns todos que os fazem a Secretaria de Desenvolvimento Social, que está aqui, OAB, parabéns a vocês do CRAM, que a gente sabe a luta de vocês. Dizer que é o momento, esta Casa está pronta para discutir os problemas da sociedade, para abraçar os problemas da sociedade, e daqui é que nós vamos levantar a nossa bandeira e continuar firmes nessa luta, que merece ser vista, respeitada, e dar continuidade. Parabéns José Gonçalves pela propositura.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Sindicalista Carminha Soares**, Presidente do SINFEMP: “Boa noite a todos e a todas. Parabenizar o Vereador José Gonçalves por essa propositura, e também a Câmara, por ter dado essa oportunidade, falar da violência contra a mulher, um tema muito recorrente na nossa cidade e no nosso país. Lembrar, como eu estava falando com Josa, da mulher no Novo Testamento, que foi pega em adultério e seria apedrejada, mas por que só as mulheres são apedrejadas? Eu fiz essa pergunta. Não é de hoje a violência contra a mulher, porque o homem poderia cometer o adultério. O homem, ainda hoje, se cometer adultério, sai de nome limpo, e a mulher é apedrejada pela sociedade, é morta pelo marido. É como Jesus Cristo falou: ‘Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra’. Mas o que a gente fala aqui é de uma sociedade que cria as meninas para obedecer; que cria as filhas para lavar, passar, cuidar do marido. Porque, se você trabalhar fora, quando chegar em casa, você é quem tem que fazer a janta do marido, não é o marido que faz sua janta não. O que nós temos que tirar de nós mulheres, das nossas casas é essa amarração que só quem pode varrer a casa é a mulher. Então a violência contra a mulher não é só a violência física e psicológica não, não é só a patrimonial, a própria mulher comete violência contra outra mulher. Nós temos que fazer com que a mulher, o homem, o jovem, a jovem, saibam que a mulher sozinha e o homem sozinho não faz um país justo. Quando a mulher está em casa, ela não trabalha, mas ela trabalha mais em casa. ‘Você trabalha?’ ‘Não! Eu sou dona de casa’.



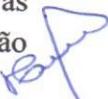
pensamento que a mulher tem. Ela trabalha mais, mas acha que não trabalha. Essa violência, que leva as mulheres a sofrer e até a perder a vida, é secular. E o que nós temos que fazer é educar essas mulheres e esses homens, porque essas mulheres na sua maioria já falam a favor da mulher, mas enquanto a mulher falar só para a mulher, a violência vai continuar, porque nós temos que fazer com que o homem tenha consciência disso, porque muitas das vezes ele nem percebe que está cometendo essa violência, porque a mulher aceita. Como eu disse, ela foi criada para obedecer, mas a mulher tem que obedecer ao homem. Na Bíblia não diz que a mulher tem que obedecer ao homem? Mas nós fomos criadas da costela, não foi do pé não. O homem dormiu para que a mulher nascesse da sua costela para ela ficar ao seu lado, e não embaixo de seus pés. Boa noite.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Senhor Rafael Amorim**: “Boa noite a todos. Gostaria de saudar a Presidente Tide Eduardo, que em seu nome eu saúdo todos os demais vereadores aqui presentes, e Fatinha, de modo virtual. Gostaria também de saudar de forma especial o Vereador José Gonçalves, pelo Requerimento desta Audiência Pública. Gostaria de saudar o Professor Jacob, representando o Poder Executivo. Gostaria de saudar Marcília, e em seu nome saúdo todos os colegas do CREAS e demais pessoas aqui presentes, em especial todas as mulheres. Eu me chamo Rafael, sou advogado do CREAS Chico Bocão daqui da cidade de Patos, falo representando toda nossa equipe aqui hoje. E para quem não conhece o CREAS, ele é um serviço que recebe demandas referentes a violência de direitos, e, dentre as demandas mais recebidas no CREAS, está a violência contra a mulher. Do dia vinte e cinco de novembro ao dia nove de dezembro está acontecendo o Projeto ‘Maria Sidileide, recomeços são possíveis’, referente a campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher, que é uma mobilização mundial, que ocorre em mais de cento e sessenta países, sendo realizada no Brasil desde 2003. Os 16 dias de ativismo começaram em 91, quando mulheres de diferentes países, reunidas pelo Centro da Liderança Global de Mulheres, iniciaram uma campanha que tinha como objetivo promover o debate e denunciar várias formas de violência contra as mulheres no mundo todo. A data é uma homenagem às irmãs Pátria, Minerva e Maria Tereza, que foram assassinadas em 1961, por integrarem oposição ao regime ditador de Rafael Trujillo, da República Dominicana. Durante esses 16 dias estão sendo realizadas algumas atividades com a comunidade, com o objetivo de divulgar a campanha, assim como mostrar a importância desse momento para engajamento de todos na construção de uma sociedade sem violência contra a mulher, e mostrar a potência das mulheres nos lugares de atuação e de fala. E hoje especialmente, seis de dezembro, e esse é o motivo que escolhemos para a realização dessa data de Audiência Pública, é o dia nacional de mobilização do homem pelo fim da violência contra as mulheres, denominado de dia do ‘Laço Branco’, campanha que foi criada para sensibilização, conscientização e promoção de engajamento do homem nessa luta. O dia do Laço Branco surgiu a partir de um crime ocorrido na cidade de Montreal, como já foi mencionado, onde um homem de vinte e cinco anos assassinou 14 (quatorze) mulheres, e, em seguida, suicidou-se, na escola Politécnica. Como já foi mencionada também, ele conta, em uma carta, que não suportava a presença de mulheres vizinho ao curso de engenharia, onde somente deveriam existir homens. O crime mobilizou o mundo inteiro, e, a partir daí, homens



saíram às ruas para repudiar tal atitude, com o tema: ‘Jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos a frente desse tipo de violência’. Foi então lançada a campanha do ‘Laço Branco, homens pelo fim da violência contra as mulheres’. Até por isso, um dos poucos homens que compõem a equipe do nosso serviço, eu fui escolhido para realizar essa fala e reforçar a importância dos homens engajados no combate de violência contra as mulheres. Gostaria de agradecer a presença de todos e também agradecer a oportunidade de fala, e dizer que a campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher continua. Queria convidar a todos para se fazerem presentes na Amostra Cultural, com exposição de fotos e vídeos de mulheres com relato de suas próprias histórias, que vai acontecer na quinta-feira, nove de dezembro, às dezoito horas, na Praça Getúlio Vargas, como encerramento desta campanha deste ano. Obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador José Ítalo Gomes Cândido**: “Boa noite a todos e a todas. Eu quero cumprimentar a Mesa Diretora desta Casa na pessoa da nossa Presidente a Vereadora Tide Eduardo. Quero cumprimentar também a Vereadora Nega Fofa, que se encontra presente nessa Audiência Pública, e cumprimento também a Vereadora Fatima Bocão, que se encontra de forma online, mas acompanhando os trabalhos, que são mulheres que estão aqui compondo a Casa Juvenal Lúcio de Sousa, e que têm trago para cá matérias de interesse das nossas mulheres, e que bem represente as mulheres da cidade de Patos. Quero dizer que esta Casa tem uma grande representação na pessoa dessas quatro vereadoras: a Vereadora Tide, Vereadora Fofa a Vereadora Nadir e a Vereadora Fátima Bocão, que estão aqui nesta Casa a representar todas vocês mulheres que compõem o nosso município. Quero cumprimentar todos que estão aqui no plenário, na pessoa da eterna vereadora, que lutou bravamente nesta Casa na defesa dos direitos também das mulheres, e que deixou história, e que esta Casa sente saudades, a Vereadora Lucinha Peixoto, Senhora Presidente. Quero cumprimentar o Vice-Prefeito da cidade de Patos, nosso amigo, companheiro, Professor Jacob, que está aqui representando o nosso Prefeito, que por motivo superior não pode estar presente, mas que Jacob representa muito bem. Cumprimento o plenário, na pessoa de todos esses servidores que compõem o CRAM, na nossa Coordenadora do CRAM, a senhora Nina. Senhora Presidente, registrar a presença de Nina, que chegou um pouco atrasada, mas está aqui. Mulheres que tem feito um trabalho espetacular naquela Casa, Lucinha, que defende as mulheres e seus direitos, então, sintam-se abraçadas. A todas as mulheres, através da Coordenadora do CREAS, Marcília, quero abraçar todas vocês, Samir, e todos os homens que compõem o CREAS do nosso município, que tem feito um trabalho de defesa de direitos extraordinário em nosso município. A nossa fala, Senhora Presidente, é muito mais para parabenizar o debate, parabenizar as discussões que foram pautadas nesta tribuna. Falar de violência contra a mulher esta Casa precisava Samir, está lotada de homens e mulheres. Ainda é muito pouco as pessoas que estão aqui para discutir um tema, Zazá, tão relevante, porque diariamente nós escutamos através das vias sonoras do rádio, através dos programas de TV, a violência ser algo frequente em nossa cidade, em nosso estado e no nosso país, onde mulheres são assassinadas, mulheres são violentadas. Quando a gente fala em violência contra a mulher, a maioria das pessoas só lembra no bater, no matar, mas nós precisamos entender também que existem violências

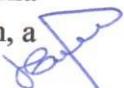


obstétricas, existem violências dos mais variados fatos que acontecem no meio da nossa sociedade, e que muitas vezes passam de forma despercebida, ficam guardados lá, e que não é debatido, que não é trago para as casas de debates, e eu falo isso enquanto Poder Legislativo. Quero dizer Senhora Presidente, que esse tema precisa não só acontecer uma Audiência Pública, e aqui eu quero fazer jus ao Poder Legislativo, nós aprovamos Leis muito importantes na defesa, Josa, dos direito das mulheres. E aqui eu quero fazer referência a uma Lei do meu colega Vereador Jamerson, que proíbe a entrada no serviço público de agressor da violência contra a mulher. E são Leis aprovadas pelo o Poder Legislativo da cidade de Patos, e que não são exploradas e que não são divulgadas. Eu acho até, Senhora Presidente, que essa audiência foi pouco divulgada. Essa audiência deveria ter sido divulgada amplamente, porque as nossas mulheres, Vereador Zé Gonçalves, o senhor como autor da propositura, precisavam lotar esta Casa para discutir o que é de interesse do nosso povo. E violência contra a mulher é um tem a de interesse do nosso povo. Então eu quero agradecer a presença de todos, quero dizer que nesta Casa nós estaremos aqui a pautar todas as matérias que forem de interesse das nossas mulheres, e dos nossos homens também, porque existe violência das mais diversas formas contra os nossos cidadãos e nossas cidadãs. Então aqui coloco o nosso mandato à disposição, a Casa Juvenal Lúcio de Sousa, eu falo em nome de todos os vereadores, os que estão ausentes e os que estão aqui na audiência, para que os nossos gabinetes e as portas da Câmara Municipal de Patos estejam abertos a receber Senhora Presidente, esse tema e tantos outros temas para que a gente possa pautar, para trabalhar diuturnamente em defesa do nosso povo. Então quero agradecer e já parabenizar o Vereador José Gonçalves, por pautar esse tema, e abraçar todas vocês e todos vocês que estão aqui a discutir esse importante tema na noite de hoje. Muito obrigado, Senhora Presidente.” O Dr. Samyr Xavier disse: “Só a título de informação, que faltou no meu discurso, o quanto nós homens naturalizamos a violência contra a mulher. A gente ver até na casa de um vizinho uma situação de violência contra a mulher, e nos calamos. Então é o papel de todos nós como cidadãos é fazer a denúncia. Tivemos há pouco tempo, Zé Gonçalves vai lembrar muito bem disso, nossa Chefe de Estado foi vítima do machismo, inclusive perdeu seu cargo com discursos machistas, nossa Ex-Presidente Dilma Rousseff. Então só pra ressaltar que essa luta, como eu já falei, é uma luta de todos. E vamos derrubar essa máxima de que ‘briga de Marido e mulher ninguém mete a colher’, porque a colher vai está comigo, e eu e todos os homens que estão aqui presentes, e todos os homens do Brasil e do mundo têm o dever cívico e o dever social de fazer a denúncia. Obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Dr. Alexandre Estrela**: “Excelentíssima Senhora Presidente Tide Eduardo e demais vereadores presentes aqui nesta Audiência Pública, também o Vereador Zé Gonçalves, propositor desta Audiência Pública, demais senhoras e senhores aqui presentes, a assistente social do Centro de Referência Atendimento de Assistência Social, Marcília Poncyana, todos os que compõem essa plenária, em especial os representantes da sociedade civil organizada, colegas advogados aqui presentes, advogadas, representantes do Poder Executivo, nosso Vice-Prefeito Jacob Souto. Até peço desculpa, e venho pela utilização da palavra Professor Jacob, mas, dada as informações passadas para a toda a sociedade de Patos, e gostaria de dizer que em razão

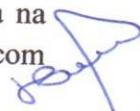


da pandemia, a transmissão, que hoje a tecnologia nos permite romper fronteiras, e não mais só para a população de Patos, mas para o mundo, para toda população mundial, através da rede mundial de computadores; mencionar também o nome da Vereadora Fatinha que nos assiste, de forma também pelo canal do YouTube, e pela plataforma zoom desta Casa Legislativa, o nosso boa noite. E como foi interessante participar dessa Audiência Pública. Recebi o convite, Zé Gonçalves, e como disse, apesar de não ter me planejado para me pronunciar, tudo o que foi dito aqui por todos vocês que utilizaram da palavra foi de nos encher os olhos. Eu gostaria de citar alguns termos que quando foram conceituados os casos, os exemplos, os dados, os números de violência doméstica, não só aqui de Patos, como a senhora Rose citou aqui os dados da cidade de Patos, mas os dados no Brasil e no mundo, por alguns instantes eu fechei os olhos, Doutora Poliana e me veio à mente algumas palavras. ‘Você vai ganhar um pouco mais, porque você é pai de família’; ‘você será só minha e de mais ninguém’; ‘se você ficar com outro eu lhe mato’; ‘não mostre isso a seu pai’; ‘não diga a seu pai que a gente veio aqui’; ‘gostosa, se você der bobeira eu lhe pego’. Termos que pra gente estão relativizados na sociedade. Tudo que foi apontado aqui se mostrou como um problema cultural, enraizado na sociedade, e no mundo todo. Foi demonstrado que o dia de hoje, dia seis, dia propício para essa Audiência Pública em relação a comemoração desta Lei, que motiva os homens a estarem aqui presentes. E por isso, nas palavras de Samyr me motivei a estar aqui presente, e falar o motivo de estar aqui. Há pouco tempo atrás, esteve aqui no ‘Outubro Rosa’, o nosso colega advogado, doutora Janykerly, Rildian, pra fazer a defesa de colegas advogados, e um grupo de outros colegas advogados repudiaram a atitude de ser um homem se pronunciando em defesa da mulher. E a gente ver o tanto de termos que tem nessa linda camisa promovida por vocês, e o que me destacou mais foi sonoridade. Carminha falou bem quando disse que o problema, às vezes, está dentro das próprias mulheres. Por isso Carminha, por esse problema ser cultural, o patriarcado na sociedade brasileira mundial é o que relata a consequência desse ponto final citado, pela morte dessa senhora na cidade de Santa Luzia. Aí já é o ponto final, mas está lá no começo dessas frases que eu citei, começa só no dizer, e não ser repreendido por esses atos, e não ser reclamado, não ser corrigido desde a educação familiar em casa, desde o primeiro momento de briga entre irmãos e irmãs, do exemplo do marido e da esposa, da falta de companheirismo, de coleguismo, do que foi dito aqui, somos iguais, somos seres humanos. No mundo jurídico a gente vem tentando corrigir esse erro, e, historicamente, Carminha citou o nosso maior exemplo, há dois mil anos atrás a maior defesa das mulheres foi: ‘quem nunca pecou que atire a primeira pedra’. Mais citado aqui em outro momento, há quarenta anos estamos vivenciando essa luta constante, essa progressão constante no avanço social, no avanço da sociedade em criar mecanismos através de Leis. E gostaria de citar aqui, porque estamos numa casa de Leis, no Poder Legislativo do Município de Patos, onde são estabelecidas essas metas, essas modificações sociais, que são também reflexo da sociedade, que exige que nós possamos melhorar e aperfeiçoar. E lá, se eu não me engano, em 2006, a Lei Maria da Penha; posteriormente, Lei Carolina Dieckmann, Lei Joana Maranhão, poucos conhecem aqui, mas estabeleceu maiores prazos, após atingir-se a maior idade para prescrição penal nos crimes de violência doméstica. Entre outras Leis, que buscam

sempre trazer avanços para corrigir toda a história que massacrou e massacra as mulheres, que tem tripla jornada, como dito aqui, que convivem junto no dia a dia do trabalho, e ainda tem que se desprende no trabalho doméstico em casa, e são exigidas de forma desumana. O Município de Patos tem sido exemplo não só por esta Casa, não só por a propositura do Vereador Zé Gonçalves, não só pela equipe do Executivo que está aqui planejando e propondo também, encaminhando esses requerimentos, mas a primeira vez que participei de uma audiência desse tipo, eu me lembro bem que quando me pronunciei disse, ‘que orgulho’, na época a residente da Casa Legislativa também era uma mulher, se eu não me engano, a Presidente Nadir; a Prefeita de Patos, Prefeita Francisca Mota; a Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e a Secretaria Executiva de Políticas Públicas para as Mulheres era a Pastora Joana, se eu não me engano. Ela foi uma das primeiras, que foi uma secretaria criada pelo o Prefeito Nabor Wanderley, que ao voltar para o comando do Poder Executivo, como dito por muitos aqui, tem como prioridade esse tipo de política, e reabriu, retomou os serviços do CRAM. Nada mais cruel, Vereadores, Vereador Ítalo, Professor Jacob, quando fui seu aluno em Engenharia Florestal, eu me lembro que gosta muito da etimologia das palavras, misoginia, é o ódio, o ataque, a repulsa ao sexo feminino. Miseo, lá do grego, é essa repulsa, esse ódio; gyne direcionado ao sexo feminino. Então, todos aqui que nos ouvem, que nesses dias, Samyr, que são específicos pra gente debater, discutir, que ele seja o nosso momento crucial pra dar impulso, partida para que nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano estejamos atentos, vigilantes para coibir, para proibir, para recriminar qualquer ataque, qualquer violência seja, ela física, psicológica, financeira, social contra a mulher. Somos todos seres humanos. Obrigado. Boa noite.” A Senhora Presidente disse: “Ouvindo atentamente aqui as palavras de todos, eu pensava: quantas de nós mulheres estamos aqui hoje nesta Casa, e aos poucos, Josa, nós vamos lutando para ganharmos nosso espaço. Nós não queremos ser mais nem menos, nós queremos o nosso espaço. É isso que nós queremos. E as palavras de cada um que vem à tribuna, elas ecoam entre nós mulheres com a maior realidade. Quantas de nós chegamos em casa e os filhos ainda nos perguntavam: ‘Mainha nós estávamos esperando você, o que é que vai fazer pra janta?’ Eu já cheguei várias vezes, quase meia-noite, em casa, e meus filhos adultos estão perguntando o que vão jantar. E eu pergunto a eles: e porque não já jantaram? Têm que esperar eu chegar? Não é isso? Quantas mulheres passam o dia trabalhando, e trabalhando muito, porque diante de todos eu quero dizer: nós somos organizadas, nós mostramos serviço, nós mostramos competência. Não é porque nós queremos ser mais do que ninguém, é porque nós somos assim. Não é assim, Vereadora Lucinha? Nós quando começamos a fazer uma função, nós queremos que ela saia bem feita. Então, quando chegamos em casa, a família inteira está aguardando. Sim, tem que arrumar casa, tem que fazer comida. Isso também é uma violência contra nós. Por que só nós temos que fazer isso? Não é assim? Então, quando o Doutor Alessandro falava: ‘isso é mais cultural’, principalmente aqui no nosso Nordeste, e quando cheguei aqui hoje na Câmara, conversava aqui com a Vereadora Fofa e Zé Gonçalves, nós mulheres aqui no Brasil temos liberdade de sair de casa, e as mulheres do Afeganistão, no Oriente Médio, que jamais podem sair na calçada, se não tiver a presença masculina, nem que seja uma criança masculina. Você já imaginou? Mas nós mulheres a cada dia evoluímos, porém, a



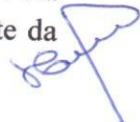
palavra posse é o que nos intimida, que nos massacra. Muitas vezes ou quase cem por cento da violência contra mulher, noventa e cinco por cento, é do companheiro, de uma pessoa muito próxima, alguém que a gente ama, alguém que a gente confia, do nada ele nos ataca. Infelizmente, Samyr, é assim que acontece. Quando, hoje, eu estava lendo, até conversei com Larissa, nossa assessora, quando se falava de 16 dias de ativismo, isso é uma coisa mundial. O estupro é uma coisa que, se o homem tivesse a noção do que é um sentimento de estupro, ele nunca o faria, porque é algo que marca uma mulher para sempre, para a vida inteira. E nunca mais ela será aquela mesma pessoa. Isso é humanidade, vamos olhar o outro. Então, são coisas que acontecem com nós mulheres e, além do mais, nós somos extremamente fortes em suportar tudo isso. E vamos à luta. É assim que nós reagimos. E uma das coisas que eu sempre me questionei: os dados. Minha gente, os dados não chegam nem perto da realidade, Lucinha. Quantas mulheres sofrem dentro de casa, por vergonha, por não querer que a própria família saiba, não quer que os próprios filhos saibam porque não quer que ninguém diga, assim: ‘há mais ela está sofrendo’, aí o filho vai se revoltar contra o pai, a filha vai se revoltar contra o pai. E ela prefere ficar em silêncio para que não ver os filhos contra o pai. Então, os dados, eu tenho certeza absoluta que ninguém jamais um dia vai descobrir, porque o silêncio fala muito alto, e nós mulheres amamos mais do que tudo os filhos, a família. Eu não digo nem tanto o marido, Ítalo está dizendo o marido, porém a família em si. E quantas vezes a mulher sofre, mas não quer de maneira nenhuma que a própria família, os pais, os irmãos, os tios, ela não quer colocar eles também em precipício. Então, quando se questiona a violência contra a mulher, é uma luta de cada dia, é uma luta diária que nós temos, que Carminha falava muito bem, através da educação, nós temos que trabalhar, e muito. E todos os homens, todas as mulheres precisam trabalhar a educação e o comportamento humano. Se todo mundo está sentado, por que nós mulheres é que temos que levantar para ir pegar um copo d’água? É o dia-a-dia.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Professor Jacob Souto**, Vice-Prefeito de Patos: “Boa noite a todos. Inicialmente, eu gostaria de saudar a Presidente da Casa, a Vereadora Tide Eduardo. Aproveitar e saudar também os vereadores Zé Gonçalves, David Maia, Ítalo, Nega Fofa, e a Vereadora Fatinha Bocão, que, de forma remota, está nos acompanhando também. Gostaria também de cumprimentar neste momento o nosso Procurador do Município Doutor Aleksandro Caldas. Gostaria de parabenizar a Professora Lucinha Peixoto, Secretária Adjunta de Serviço Social. Saudar a todas as servidoras e servidores da Prefeitura Municipal de Patos presentes nesse recinto. Saudar os representantes de outras instituições aqui presentes. Saudar também os jornalistas que cobrem o serviço desta Casa. Também não poderia deixar de parabenizar Marcília, Coordenadora do CREAS, pela iniciativa em propor a esta Casa uma audiência pública de tanta relevância, na qual o Vereador Zé Gonçalves fez aqui essa propositura, pelo fim da violência contra a mulher. E gostaria mais uma vez, Vereadora Tide, demais vereadores parabenizar esta Casa pelos temas que tem trazido para debate aqui. No mês de novembro, eu estive aqui, em duas oportunidades, representando o Prefeito Nabor Wanderley, participando de duas Audiências Públicas em temas também de importância muito grande. Em um deles não me canso de falar por onde ando, a importância na segurança do trânsito na cidade de Patos; o segundo, a acessibilidade das pessoas com



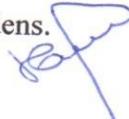
deficiência e mobilidade aqui na cidade de Patos, também de propositura do Vereador Zé Gonçalves. Esse é o local, é o recinto mais adequado para que nós possamos fazer debates dessa natureza. E o tema, Doutor Alexsandro, que foi trazido na noite de hoje, esse é que é de alta relevância: o fim da violência contra a mulher. Esse, no mês de dezembro, e, principalmente, no dia de hoje, o dia seis de dezembro, estava olhando nas minhas anotações, é o dia nacional de mobilização dos homens pelo fim da violência contra as mulheres, data marcada pela Lei 11.489/2007. Então, uma data muito boa para nós aproveitarmos e debatermos um tema dessa relevância. Não vou ser repetitivo aqui, não, porque muitos dados já foram trazidos pra cá. Mas algumas informações não poderiam deixá-las de mostrar. Vejamos algumas aqui, só paraclarearmos mais um pouco. Em 2020 uma mulher foi vítima de feminicídio, a cada sete horas, no Brasil, total 1350 (mil trezentos e cinquenta) feminicídios. É claro que muitos ninguém nem sabe como ocorreram por aí a fora, pois nem foram registrados. Vejam alguns desses casos que foram registrados, não feminicídios, mas 36.361 (trinta e seis mil, trezentos e sessenta e um) casos de lesão corporal culposa. De 30.468 (trinta mil quatrocentos e sessenta e oito) ameaças. Isso é o que acabou de falar aqui a Vereadora Tide e outros que me antecederam aqui, quase vinte mil casos aqui, injúria. E isso, Doutor Alexsandro, vai se avolumando, ninguém denúncia, e aí termina no caso, como aconteceu hoje, em Santa Luzia. Ou seja, nós temos que tomar conta da situação. E para piorar Vereador Zé Gonçalves, 66% (sessenta e seis por cento) dos casos de feminicídio, das mulheres assassinadas, são negras no Brasil. Olha aí mais um agravante. Vejam como os dados vão se fechando. A Prefeitura Municipal de Patos vem desenvolvendo diversas atividades junto ao CRAM, que foi uma das primeiras atividades que o Prefeito Nabor Wanderley tomou logo que iniciamos a gestão, no ano de dois mil e vinte e um. Então todos os esforços têm sidovidados no sentido de que a Secretaria da Mulher faça o possível para que possamos dar o máximo de apoio a todas as causas necessárias, inclusive, foi dito por uma que me antecedeu aqui, servidora da Secretaria, aquela mobilização não apenas na zona urbana, mas também na zona rural, algo que não acontecia antes. Esta Casa, Vereadora Tide, demais vereadores, tem um papel muito importante. Eu acho que esse tema não deve ficar restrito apenas ao dia seis de dezembro, ele tem que vir à tona com frequência. Mas aí não sou eu que poderia vir aqui dizer o que é necessário para a gente minimizar, erradicar o feminicídio ou a violência contra a mulher aqui no nosso município, na Paraíba e no Brasil, mas eu acho que algumas ações nós poderíamos suscitar num momento como esse. Capacitar os profissionais que atuam no momento e acolher mulheres vítimas de violência, é o que as nossas servidoras acabaram de expressar aqui, anteriormente. Amparar as sobreviventes e seus familiares; as vítimas não podem ser esquecidas. Isso também é um trabalho que é feito pela Secretaria da Mulher, através do CREAS, do CRAM e assim por diante. Educar e conscientizar a população. Será esse tema Vereadora Tide, Vereador Ítalo, David, Nega Fofa e Zé Gonçalves, é levado a sala de aula? E aí, Professora Lucinha, eu estou há trinta e nove anos em sala de aula, aí vocês podem até, matematicamente, o nosso Procurador já foi aluno meu, quando fez Engenharia Florestal, pode dizer: 'então o Professor Jacob deve ter uns oitenta anos de idade'. Não! Eu comecei a ministrar aula com dezoito anos de idade, mas nunca na minha vida vi discussão dessa natureza aqui



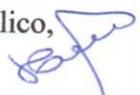
na sala de aula. E eu acho que têm vários professores aqui, a exemplo da Professora Lucinha, e outros. Então, esse tipo de assunto tem que ser debatido na sala de aula. Nós temos que levar à Secretaria de Educação do Município. Amanhã nós teremos a quarta Conferência Municipal de Educação. Olha que horário ou tema bom para a gente levar para inseri-lo ali. Capacitar os profissionais de imprensa sobre a violência contra a mulher. Ora, não daquela forma como a gente vê, muitas vezes, na TV Bandeirantes. Pelo amor de Deus! Ali parece que incita a violência mais ainda. Eu acho que a gente tem que trabalhar e os profissionais de imprensa. Eles sabem muito bem, mas eu acho que tem que dá um tratamento melhor quando for tratar desse assunto. Então, vejam como esse tema deve voltar mais vezes a ser tratado não só aqui nesta Casa, mas principalmente nela, porque aqui na Casa Juvenal Lúcio de Sousa nós temos aqui os representantes da nossa população; são os nossos dezessete vereadores que estão nos representando aqui. E eu tenho certeza que sob a presidência da Vereadora Tide, quantas vezes forem necessárias esse tema voltará para debate aqui. Gostaria de encerrar também citando aqui uma frase do tipo: ‘não existe força maior que a força de uma mulher determinada’. Um abraço a todos e boa noite!” Pela Ordem, o Vereador Italo Gomes disse: “Senhora Presidente, registrar a presença do Secretário Sávio Salvador, que chegou para abrilhantar nossa Audiência Pública. Senhora Presidente, na fala do Vice-prefeito, o Professor Jacob, dá para extrair Professor Jacob, algo que a gente estava precisando e que eu estava sentindo, e a Audiência terminando e eu dizendo: está faltando algo. A gente precisa de um encaminhamento. E que bom Professor, que o senhor usou a tribuna para trazer um encaminhamento que esta Casa, Senhora Presidente, e eu já faço aqui esse encaminhamento a senhora, enquanto Presidente, para que nós possamos discutir durante o próximo ano de legislatura, até porque nós já estamos entrando de recesso no dia dezesseis, a incorporação da discussão da violência contra a mulher na grade curricular das escolas públicas da cidade de Patos. E aqui eu quero pedir o apoio da Procuradoria, Procurador Alexsandro, para que a gente possa dialogar e colocarmos um Projeto, em nome de toda a Câmara, trazendo essa discussão para dentro das escolas públicas, Professor Jacob, porque nós precisamos começar a trabalhar isso na base. Nós sabemos que a violência não é só bater, tem a violência psicológica, a violência sexual, a violência obstétrica. Então, Senhora Presidente, no próximo ano é algo que nós precisamos discutir, e, se Deus quiser, o ano que vem, quando a gente estiver aqui novamente em uma Audiência como esta, nós já teremos um avanço muito grande e significativo para apresentar a cidade de Patos em nome de todos os Vereadores da Casa Juvenal Lúcio de Sousa.” A Senhora Presidente disse: “Com certeza! Amanhã, como o Professor Jacob falou, nós iremos participar, realmente eu recebi o convite, dessa conferência, e vou levar essa ideia, porque, Professor, em uma conferência é onde se resolvem também as coisas, onde se dá a ideia maior. Então, Vereador Ítalo, vamos abraçar.” Com a palavra, a Vereadora Cicera Bezerra disse: “Boa noite a todos! Presidente, eu já coloquei aqui na Casa esse Projeto, de levar a Lei Maria da Penha a todas as escolas, sobre a violência contra a mulher.” A Senhora Presidente disse: “Agradeço Vereadora. O que está faltando, na verdade, é explorar mais o que já foi aprovado também.” com a palavra, o Diretor da Escola Vera Cruz, **Emanuel Costa**: “Boa noite a todos e a todas! A Vereadora Tide, Presidente da



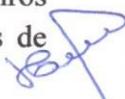
Câmara, em nome da qual eu saúdo a todos os vereadores. Ao Professor Jacob ao qual saúdo, pela admiração que eu tenho ao senhor. Talvez o senhor não me conheça, mas eu sou o gestor do Instituto Educacional Vera Cruz, e estou diretor há oito anos. Tide já me conhece desde de pequeno lá no Branca de Neve, a gente dando aula no Millenium, e sou fisioterapeuta por formação. Quando o senhor falou em relação a necessidade de ter a inclusão da conversa, da disciplina nas salas, eu confesso que lá fora a menina me perguntou: 'Vai fazer uso da palavra?' Não, eu vim prestigiar o evento. Tide sabe perfeitamente, referente a irmã dela Valnice, a qual me ensinou os primeiros passos da educação, assim eu posso dizer, e nós estamos no momento daquela correria de matrículas e tudo mais. Quando eu recebi o convite, eu disse: vou fazer de tudo pra ir. O Vera Cruz tem um trabalho com os nossos pequenos até o terceiro ano médio, e nós concluímos agora em outubro, com a doutora Sílvia Alencar, delegada aqui, tanto pela TV Sol, onde temos um programa, quanto na escola, um debate sobre a violência contra a mulher. Assim como, em outros momentos, violências de outros gêneros, mas a gente enfatizou, até mesmo porque existe uma brincadeira que diz assim: 'quem não se separou nessa pandemia, não se separa nunca mais'. Por quê? Porque a incidência de violência doméstica aumentou pelo fato dos pais estarem mais em casa, no famoso home office. E quando a gente costuma observar muito como está a vida do nosso aluno, a gente sabe perfeitamente que o problema que ele traz desde a falta da higienização, do fardamento incompleto, da nota ruim, oitenta por cento é um problema doméstico. Eu como fisioterapeuta quantas e quantas vezes eu não via a falange distal de determinadas mulheres fraturada, por conta que o marido pegava e quebrava. Vamos denunciar. 'Não, foi um momento de raiva'. Quantas mulheres não caem da escada não é? Então a gente fez esse ano, o ano passado foi muito difícil, e esse também, mas a gente fez esse ano um trabalho de formiguinha. Minha avó contava que Frei Damião uma vez disse o seguinte: 'galho a gente só consegue envergar ele quando ele é pequeno'. E eu costumo dizer muito que você pode aprender depois de velho, mas é mais difícil. Agora, quando você coloca na cabeça de um criança que agressão doméstica tem de ser falada pra o professor, pra o vizinho, para o tio, você começa a mudar a cabeça dessa criança, seja um menino ou seja uma menina, que agressão é ruiu. E a gente começa a mudar. Hoje pela manhã, o Vereador zé Gonçalves estava também no Fórum de Cultura, e ele indagava, em todos os lugares a representação mínima de mulheres. Só que hoje aqui é o contrário. Eu estava ali só observando, a representação mínima de homens. Por que? Não, a agressão é com as mulher, não é com homem não. Não, quando a gente fala de disso, é o ponto crucial que nós temos enquanto educador. Isso eu digo enquanto educador, pode ser formado em Direito, formado em Biomedicina, pode ser gari, pode ser vendedor, você é um educador pra uma criança, pra aquela pessoa que em algum momento precisa escutar uma palavra. E nessa preocupação, o Instituto Educacional Vera Cruz, eu fiz questão de estar aqui, hoje, primeiro pra prestigiar, e digo sim o que o precisar do Instituto nós estamos à disposição, mas que nós temos desde o mês de março um trabalho voltado, e ele culminou no mês de outubro, com duas palestras, uma dentro da escola, e, na necessidade, fizemos uma fora, com a TV Sol, com a mesma delegada doutora Sílvia Alencar, que tão prontamente já bem solícita disse: 'quando precisar estamos às ordens.'



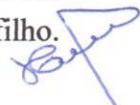
E o que mais me chama atenção não é o fato, porque enquanto educador é nossa obrigação, porque se fala tanto de educação quatro ponto zero, sociedade cinco ponto zero, mas muitas vezes a gente esquece o principal, que é aquele olho no olho. E eu tem uma ex-professora nossa aqui na assembleia, que ela sabe perfeitamente que tudo aquilo que a gente leva pra escola, se não for bem conversado, gera um certo temor dos pais. Vou contar bem rapidinho, que a professora vai lembrar. Quando a gente foi falar sobre o coronavírus, lá no início, teve pai que falou: ‘Olhe vocês estão deixando as crianças nervosas’. Não, nós estamos falando a forma deles lavarem as mãos; não pode ter o contato, não ter o abraço. Isso toda escola passou. E quando a gente foi fazer este momento, que foi interno, eu fiz questão de levar para uma rede de TV local da cidade de Patos, porque chegou pai pra mim, e disse: ‘Olha, não gostei da atitude da escolar de estar falando de violência doméstica com meu filho’. Olhe só o que mais é chocante. Então convidei novamente a doutora, que tão prontamente veio, a gente fez a entrevista com ela, e a gente divulgou, porque, assim como a Bíblia diz, aí de mim se não levar a boa nova, então o que seria da gente enquanto educador, se o nosso papel fosse apenas ensinar português e matemática. Muito obrigado a todos e tenham uma ótima noite.” Com a palavra, **Rose Xavier**, do CRAM, disse: “Eu gostaria de falar, como o Professor Jacob falou sobre a questão da educação, isso é uma preocupação da Secretaria Executiva de Políticas para a Mulher, inclusive, a gente tem projeto com o CRAM, de levar essa temática para as escolas. Esse ano a gente levou algumas propostas para algumas escolas daqui do município, e em uma única ação, mesmo nesse momento pandêmico, a gente conseguiu atingir duzentos e trinta alunos. E, inclusive, nesse Projeto de Lei, como a senhora informou que já foi aprovado, nele também já está inserida esse tipo de ação nas escolas, porque é todo interesse nosso que as crianças entendam o que violência, para que essa educação seja feita na base, para que não chegue aos extremos, e quando essa criança chegar na sua idade adulta não entenda que é normal agredir as mulheres, mesmo que seja verbalmente ou fisicamente. Muito obrigado.” Com a palavra, o **Vereador José Gonçalves** disse: “Somente fazer uma agradecimento aqui a todos e a todas que estão presentes nesta Audiência Pública. Na saúde, a gente diz ações preventivas e curativas, e os governos gostam mais da curativas, porque são as curativas que dão dinheiro. Eu acho que essa Audiência Pública cumpriu esse papel, porque ela transcendeu a nossa expectativa. Eu acho que a presença bem diversificada que nós tivemos aqui foi fundamental, e a gente não pode deixar isso morrer. E ações preventivas e curativas, eu trago aqui ações preventivas contra a violência e a questão prática. Veja bem, o CRAM foi aberto na gestão anterior, se não estou enganado, lá do Morro, que está fechado. Nós não temos em Patos uma casa de acolhimento às mulheres vítimas de violência. E aí eu fico matutando, já pensou você sofrer violência e ir para Campina. E os filhos, mesmo que fiquem com alguém da família, como vai ficar essa situação? Então têm algumas coisas aqui em Patos que a gente não comprehende. O supérfluo muitas vezes prevalece sobre o necessário. Então eu acho que a gente tem de sair desta Audiência Pública aqui com uma bandeira de luta, que é justamente a construção de uma casa de acolhimento das mulheres vítimas de violência aqui em Patos. E não precisa mais de Audiência Pública para isso não, a gente precisa fazer esse esforço, Câmara Municipal, Poder Executivo, poder público,



iniciativa privada. Olha a representação de uma escola particular o que foi falado aqui, a importância que deu a esta Audiência Pública. Muitas vezes a gente fala: 'a Casa era pra está cheia'. Mas um dia ela estará cheia com os dezessete vereadores e vereadoras, com prefeito, com o vice, esse espaço aqui não caberá, talvez seja necessário a gente fazer ali fora. A minha esperança é essa, porque esse processo é muito lento, doutora Poliana. É muito a gente ganhar as pessoas pra nossa luta. É um trabalho tão demorado, que depois de trinta e oito anos de luta foi que eu cheguei aqui vereador, pra vocês terem uma ideia, já pior idade. Olhe a situação. Então eu acho que é importante essa Audiência, porque refletiu isso doutora. E nós precisamos construir uma pauta. Presidente Tide, eu gostaria que fosse repassado a Ata dessa Audiência Pública para todas as instituições, para todas as entidades, e a gente sentar, fazer uma reunião, uma plenária entre a gente: 'e aí, depois da audiência vamos fazer o que? Foi só a discussão para Vereador Zé Gonçalves aparecer? Porque ele só sabe aparecer em Patos, ele não faz nada. Só em Audiência Pública, que ninguém aguenta mais'. Tem muita gente dizendo isso aí: 'não resolve nada, só faz zoada'. Quando eu for prefeito faço, porque eu vou ter a caneta na mão, aí eu faço. Eu só estou brincando, mas é importante. O Jacob tem dado uma grande contribuição aqui a gente, o Executivo tem participado dessas audiências, o Outubro Rosa, Meio Ambiente. E já estão convidados para a última, dia quinze, de quarta feira de oito dias, que será a audiência da moradia, a última do ano moradia. Nós temos um déficit habitacional em Patos de quinze mil moradias. E aí nós não queremos só os sem tetos lá dos Sapateiros e nem do Serrote Liso, que vão aparecer as bondades no final do ano. Muita gente que não contribui com nada, aí no final do ano aparece, como se aquelas pessoas precisassem só no Natal. Nós que discutir a questão da moradia, que hoje quem sofre mais com a falta de moradia são justamente as mulheres. E se você analisar, aqui em Patos o número de pessoas Doutor Aleksandro que moram naqueles quartinhos, inclusive, com o banheiro coletivo, você encontra lá no Milindra, você encontra no Beco do colorau, no Beco da corda, no Santo Antônio, você encontra muitos companheiros sapateiros que produzem dentro de sua casa mesmo, o sapato, a sandália. Quer dizer, nós temos todas essas dificuldades. Não é só na periferia que tem gente morando nos quartinhos, a situação da moradia em Patos é grande. Então já faço o convite aqui, pra que todos vocês possam participar. E dessa audiência tudo aqui foi importante, as falas aqui foram importantíssimas, todas apontam no sentido de detectar o problema que existe e, ao mesmo tempo, buscar alternativas. E essa alternativa, Tide, não sairá isolada pela Câmara, apenas pelo Executivo, mas o envolvimento, acima de tudo, da sociedade. Nós somos corresponsáveis, todos nós, por essa política pública contra violência às mulheres que nós temos no nosso país, no nosso estado e no nosso município. Então agradecer mais uma vez, e dizer que essa luta nossa, pra gente sair daqui e lutar pela construção, nós não queremos casa alugada não, nós queremos uma casa de acolhimento às mulheres vítimas de violência, e que a Prefeitura pense nesse sentido. Quem quiser apresentar o Projeto, pode apresentar, eu quero é que saia. Então eu acho que a gente tem que sair daqui com a certeza de que quem sabe se daqui a um ano, não é Jacob, a gente não esteja aqui nessa audiência novamente, que os dezesseis vão permanecer, puxar aí pelos trezentos e sessenta e cinco dias que os companheiros falaram, pra gente está aqui já dizendo o seguinte: 'será inaugurada, no dia seis de



dezembro de dois mil e vinte e dois, a casa própria de acolhimento as mulheres vítimas de violência'. É isso que eu desejo. Um forte abraço a todos, e a luta continua." A Senhora Presidente disse: "E esse tema, com certeza, nós ainda iremos escutar muitas vezes e muitas vezes, não só oito de março, não Outubro Rosa. E esta Casa tem denunciado e trabalhado de forma constante, onde já fizemos reuniões até na Maternidade. Quem não já ouviu falar na violência obstétrica, onde nós mulheres sofremos diariamente disso. Nesta Casa foi denunciada várias vezes, nós já fomos à Maternidade, mas até o momento não teve muita solução não, as coisas continuam gravemente." Com a palavra, **Joseny Medeiros** disse: "Só reforçando essa questão que Zé Gonçalves coloca, já que aqui nós estamos formando um coletivo, e quando a gente falava em violência contra a mulher, eu citava na minha fala a questão das mulheres que moram na rua. Então a gente é forma esse coletivo para dar essa assistência as mulheres que moram na rua. Está existindo uma onda em todas as cidades no Brasil da chamada aporofobia, que é o horor, a versão ao pobre. E Padre Júlio Lancelloti tem puxado essa bandeira. E eu me alegro porque aqui a gente aqui na cidade tem feito um trabalho, juntamente com a Secretaria de Desenvolvimento Social, no sentido de apoiar essas pessoas que estão na rua. Eu lembro que nestes dois anos de pandemia a gente teve essa oportunidade de fazer um trabalho conjunto. E eu espero que o município de Patos não entre na onda da porofobia, de colocar nos sinais: 'não dê esmola a pobre'. Então a gente espera que isso não aconteça. E é uma discussão, Zé Gonçalves, que no momento que a gente estiver aqui falando sobre moradia, a gente perceber o que nós podemos fazer, porque os moradores de rua não querem casa, eles não querem aluguel social, eles dizem: 'a rua é nossa casa', mas eles querem um apoio. A gente sabe que o Centro Pop faz esse trabalho muito bem feito, a gente tem feito parceria, mas quando a gente vai à escuta qualificada, eles dizem: 'a gente tem medo de dormir e roubarem as nossas coisas, a gente tem medo de nos matarem'. Então uma espécie de abrigo para eles pudessem dormir com segurança. Isso a gente escuta muito das mulheres. Um albergue." Com a palavra o **Vereador David Maia** disse: "Boa noite a todos, mais uma vez. Escutava aqui atentamente a voz cada um de vocês, relatos de várias pessoas da violência contra a mulher em casa, a violência doméstica, certos tipo de violência, mas esquecemos aqui, e Tide tocava no assunto, a violência obstétrica. Quantas mulheres vão à Maternidade, e não têm o direito de escolha. Fizemos reuniões, Tide esteve presente também, relacionadas as mulheres não terem o direito de escolher a forma de ter seu filho, terem que submeter a vários processos para ter seu filho. Então é uma forma violência contra a mulher. Existem mulheres saem com alguns traumas da Maternidade. E o companheiro Zé também falava aqui na Câmara, em algumas sessões atrás, sobre uma pessoa que o procurava para que tomasse uma providência, que fazia vários dias que essa pessoa estava na Maternidade, e não tinha nem solução. Quer dizer, isso é um tipo de violência contra a mulher. A violência não só aquela violência física ou aquela violência do marido contra a mulher. A Vereadora Nega Fofa, da mesma forma, trazia o caso de uma adolescente de catorze, quinze anos, que até a criança dela foi intubada, e é ela não tinha o poder de escolha de dizer se queria um parto humanizado. Eu também já trouxe denúncias da Maternidade. E dizer que a mulher ela era para ter o direito de escolha. Era para escolher a forma que ela quer ter seu filho.



Então isso também faz parte da violência contra a mulher, que eu acho que deve combatido também, deve ser denunciado. Muito obrigado a todos.” Agradecemos a presença de todos, a Senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública, às vinte horas e vinte e três minutos, a qual foi transmitida pelas redes sociais da Câmara de Vereadores, através da TV Câmara e YouTube.

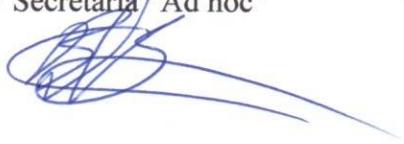
SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 06 DE DEZEMBRO DE 2021.



VALTIDE PAULINO SANTOS
Presidente



DAVID CARNEIRO MAIA
1º Secretário “Ad hoc”



CICERA BEZERRA LEITE BATISTA
2ª Secretária “Ad hoc”